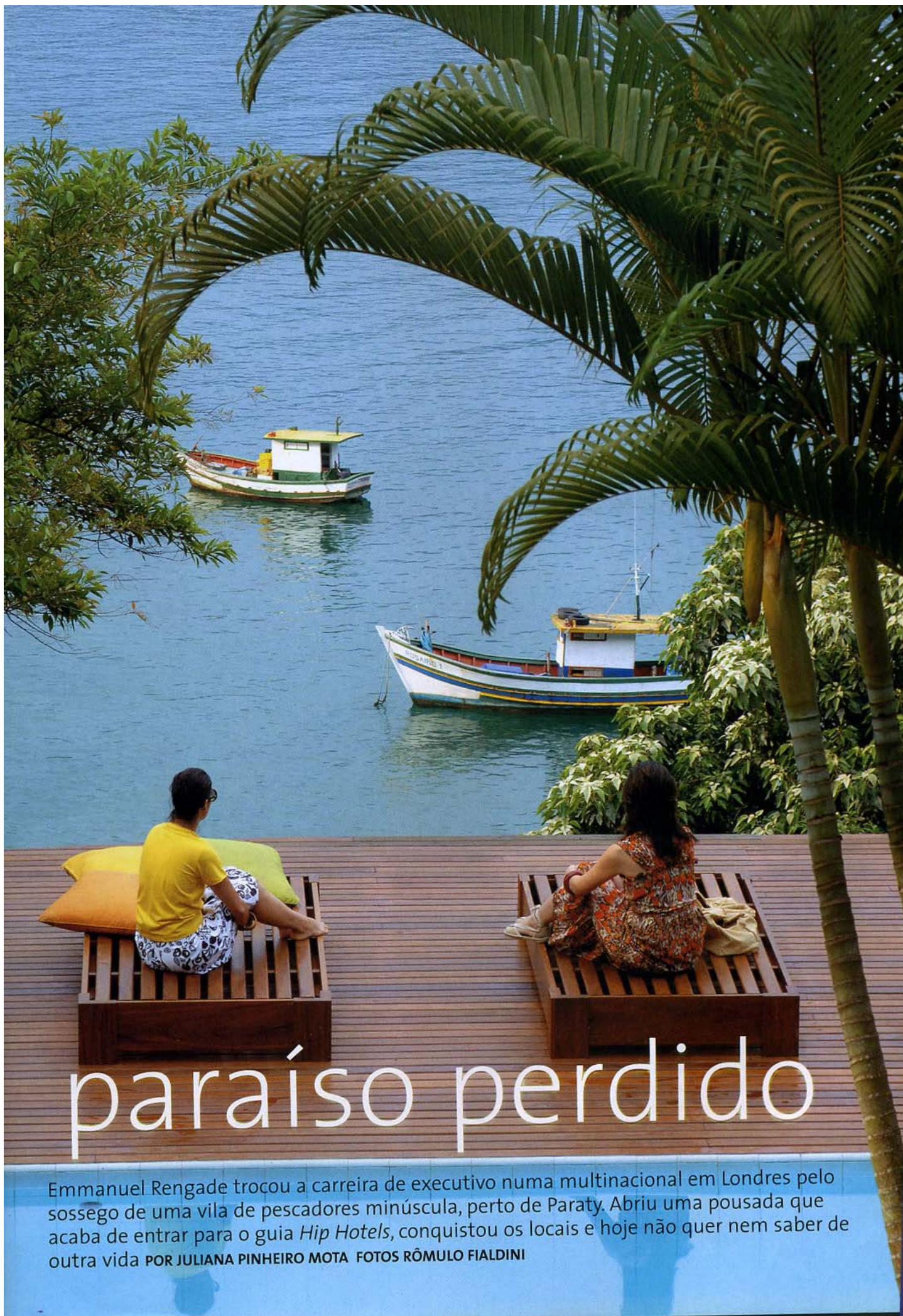


Na página ao lado, a vista deslumbrante do deque da Pousada Picinguaba, do francês Emmanuel Rengade, sempre cheia de amigos como Juliana Pinheiro Mota (à esquerda): seu Pucci vintage fica ainda mais vivo com as cores naturais do mar e da mata de Picinguaba





# paraíso perdido

Emmanuel Rengade trocou a carreira de executivo numa multinacional em Londres pelo sossego de uma vila de pescadores minúscula, perto de Paraty. Abriu uma pousada que acaba de entrar para o guia *Hip Hotels*, conquistou os locais e hoje não quer nem saber de outra vida **POR JULIANA PINHEIRO MOTA FOTOS RÔMULO FIALDINI**





**T**

Escondida num paradisíaco cenário entre Rio e São Paulo, a meia hora de carro de Paraty, Picinguaba é uma vila de pescadores que preserva todo o encanto dos lugares ainda inexplorados (o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso teve casa lá, o senador Eduardo Suplicy ainda tem, mas ainda assim a vila permanece tranquila). Uma estreita estrada de terra dá acesso até o povoado e, quando chega, a primeira coisa que o visitante enxerga é uma pequena praia com barquinhos de madeira atracados à beira-mar. Na calçada, uma simpática barraca funciona como boteco local, perfeita para uma rápida parada.

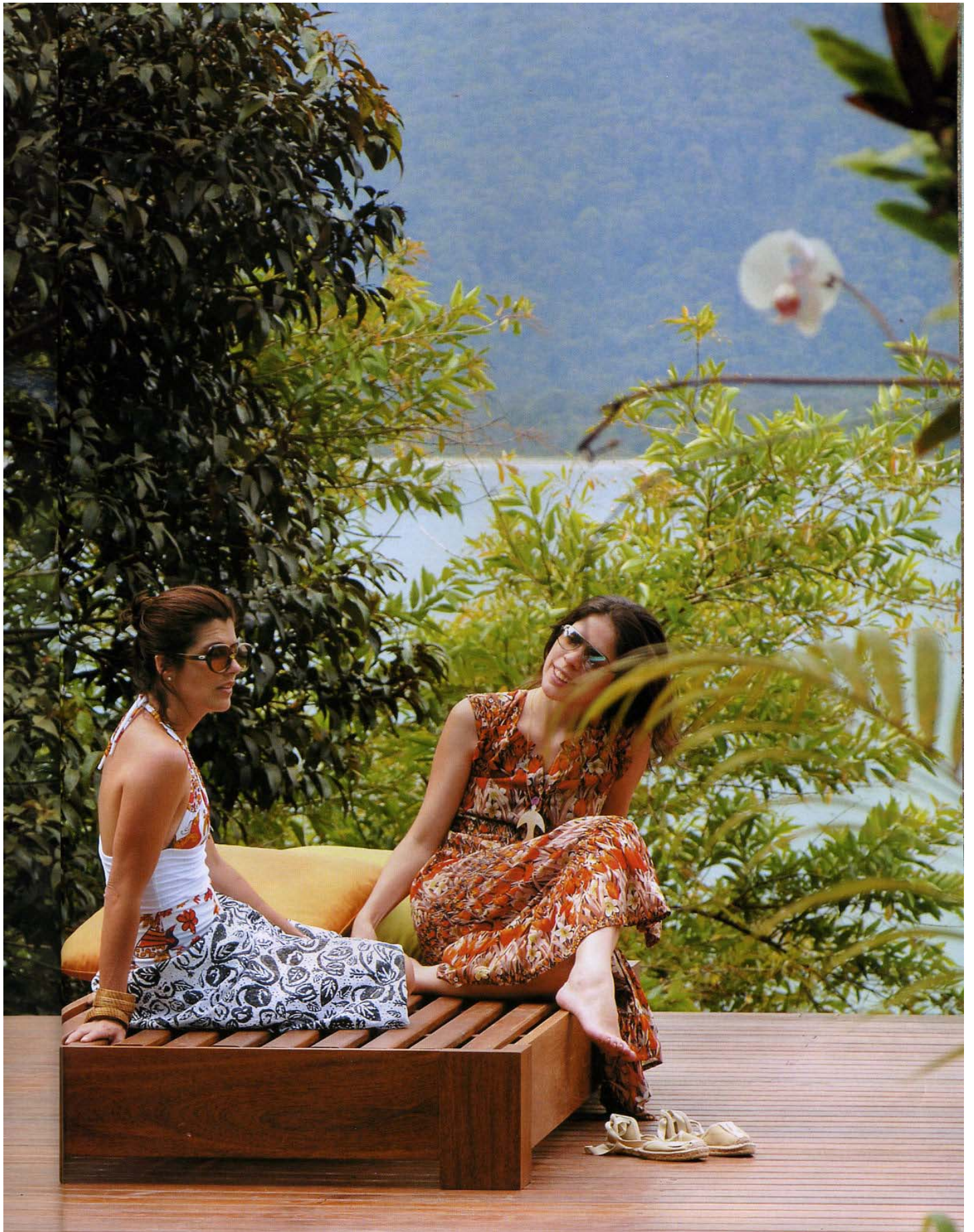
No alto de um pequeno morro, a 200 metros da vila, avista-se um lindo casarão branco com janelas azuis, bem ao estilo colonial português, instalado em meio a um jardim tropical com deslumbrante vista para a baía de água cristalina, cercada por lindíssima vegetação de mata atlântica. O casarão é a sede da Pousada Picinguaba, um dos endereços mais exclusivos do País, que acaba de ser incluído na mais recente edição do *Hip Hotels Atlas*, da editora inglesa Thames & Hudson, uma espécie de guia com os hotéis mais descolados do mundo. A pousada divide as páginas do *Hip Hotels* com outros oásis de luxo cool, como um castelo de barro do século 17 no Egito e a residência de um marajá transformada em hospedaria em Jaipur, na Índia.

O prestígio obtido pela Pousada Picinguaba é mais que justo. Com apenas dez quartos, o lugar é de fato único. Extraordinário mesmo. Ali, não há nenhum vestígio de ostentação. Tudo é rústico e, exatamente por isso, muitíssimo sofisticado também. Os hóspedes devem dar adeus a celular, televisão, conexão de internet ou qualquer outra comodidade do mundo moderno. A ideia é resgatar o prazer com as coisas simples da vida, que na correria do dia-a-dia das grandes cidades acabam passando batidas. O serviço, acolhedor e eficiente, e a divina comida caseira, preparada pelas cozinheiras locais sempre com ingredientes frescos da

No alto, fachada do casarão em estilo colonial. Ao lado, Juliana e Katia Wille, estilista da grife carioca Zigfreda, batem papo no deque e aproveitam os últimos dias de sossego de Katia, que este mês debuta no São Paulo Fashion Week. As duas vestem Zigfreda vintage











região – sobretudo peixes e frutos do mar –, dão a deliciosa impressão de se estar na casa de um amigo que domina como poucos a arte de receber.

E, no fundo, é quase isso mesmo. No comando do espetáculo está o francês Emmanuel Rengade, sempre a postos para gentilmente fazer as honras da casa. Sua história de amor com Picinguaba começou cinco anos atrás. Ele estava de férias, viajando pelo Brasil com uns amigos e, por acaso, acabou parando ali. Passou o dia inteiro na praia, tomando cerveja e pinga e proseando com os moradores locais. Quando se deu conta, já era tarde da noite e não dava mais para ir embora. Alguém lhe sugeriu uma pousadinha, que ficava no alto da vila (sim, exatamente onde hoje funciona um dos 80 hotéis mais hips do mundo!).

Emmanuel tinha 30 anos e vivia em Londres, onde sua carreira de executivo numa multinacional de energia elétrica ia de vento em popa. No entanto, logo que pisou no hotel, lindo porém caindo aos pedaços, lhe veio à cabeça a idéia de comprá-lo. “Nunca havia pensado em ser dono de hotel. Mas a sensação foi tão intensa... Era como se tudo o que eu tinha vivido até aquele momento fosse uma preparação para abrir a pousada.”

Seguindo muito mais a intuição que a razão, no dia seguinte, uma segunda-feira, foi até São Paulo encontrar-se com o antigo proprietário da casa. Quinze dias depois, o imóvel já estava comprado. Antes de instalar-se no Brasil, voltou à Inglaterra para digerir a silenciosa revolução que inventou para si próprio e colocar a vida prática em ordem. Quatro meses depois, trocou definitivamente o terno e a gravata pela bermuda de surfe e iniciou as obras para, enfim, criar a pousada de seus sonhos. “Foi um ano de trabalho duro”, lembra.

O esforço valeu a pena. Em 2002, a Pousada Picinguaba abriu suas portas cheia de charme e, hoje, está no auge. Tal qual Emmanuel. Em seu pedaço exclusivo de paraíso, leva um vidão. Passeios de lancha, surfe todos os dias, lindas praias desertas, cachoeiras e os mimos que recebe de seus funcionários como eterno hóspede são algumas pistas de sua suave rotina. Mais: para não se tornar de fato um “eterno hóspede”, construiu bem ao lado da pousada uma agradável residência, onde vive na companhia de Pega Leve, um simpático vira-lata preto. A casa com sala e dois quartos lembra um loft bacana de alguma metrópole. Vários livros de arte e decoração e outros tantos sobre cultura brasileira espalham-se pelas estantes e mesas da sala, que tem também bar e lareira. Mas basta colocar o pé na varanda que percorre todos os cômodos para se dar conta de que ali é Picinguaba:

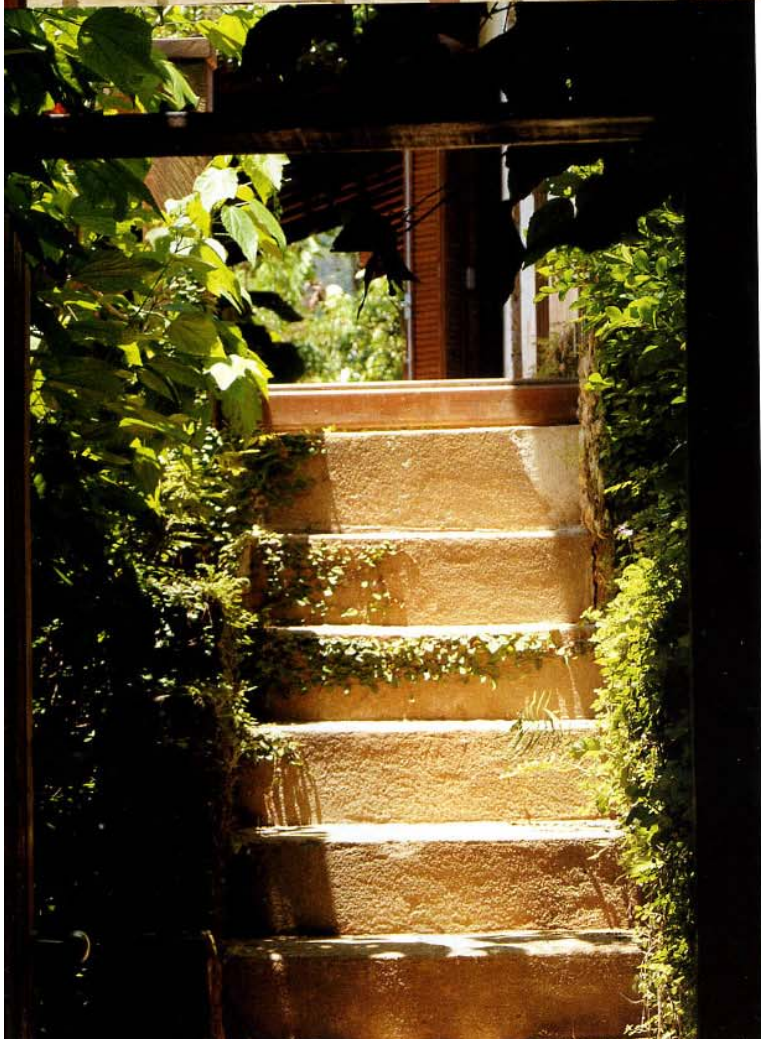
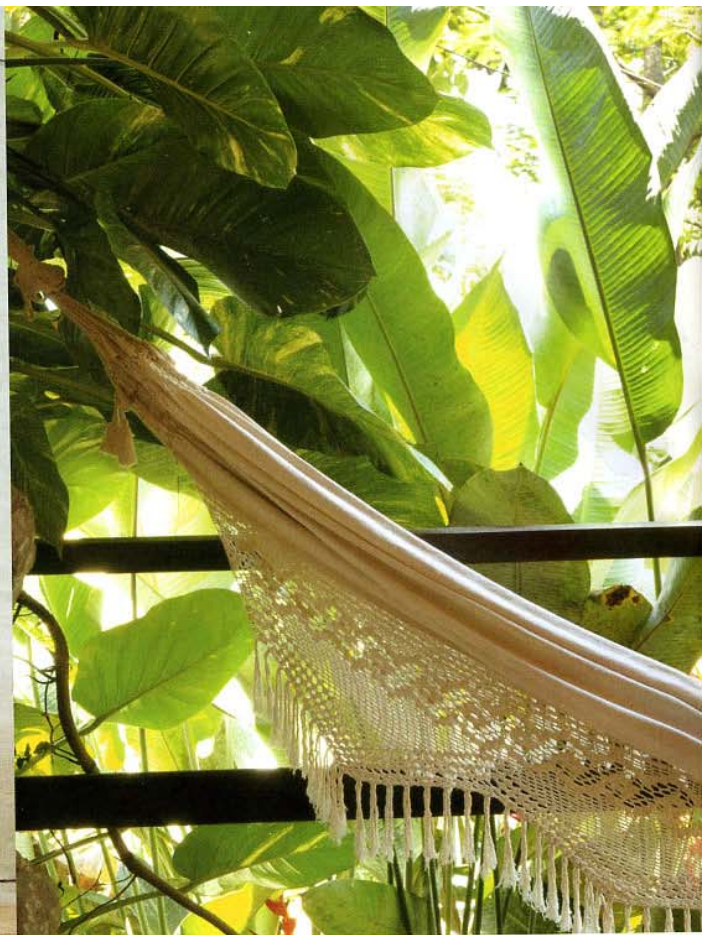


No alto, a sala da casa de Emmanuel, construída no mesmo terreno da pousada. À esquerda, a jacuzzi integrada a um dos quartos da pousada: simplicidade e muito conforto. Ao lado, o francês vestido para o trabalho: surfe todo dia e hospitalidade sem-fim. Na outra página, a mata atlântica nativa que cerca toda a pousada









a vista que mescla o verde da mata atlântica nativa com o azul do mar tira o fôlego de qualquer um.

Emmanuel adora reunir os amigos em torno da bela mesa de madeira de demolição trazida de Minas Gerais, para comer e beber divinamente bem, após um ensolarado dia na praia. Parece cena de filme, mas é coisa trivial na vida do francês. Na vila e nas redondezas, ele é tratado como rei. Todos o conhecem e o admiram. Manu, como é chamado, corresponde com carinho e generosidade. É meio como se todos ali, agora, representassem sua nova família. Apaixonado pelo Brasil, sonha em escrever um livro sobre sua experiência por aqui. De Norte a Sul, o inquieto Emmanuel conhece lugares tão escondidos quanto sua própria Picinguaba. Em 2003, emocionou-se com os índios e seus costumes numa viagem-aventura ao Xingu, de onde trouxe o lindíssimo cocar que enfeita a sala da pousada. “O brasileiro domina a arte da convivência de uma maneira única, sem comparação no mundo todo.”

Embora enfeitiçado pelo País, Emmanuel continua fiel à sua França. Aliás, o jeito genuinamente *bon vivant*, de quem sabe apreciar as boas coisas da vida, não tem outra origem senão sua terra natal. Pelo menos duas vezes por ano, vai para lá rever a família e amigos. Nascido na Borgonha, cresceu em Lyon, onde seus pais moram até hoje. Ali, conheceu os prazeres da gastronomia, pois a região é famosa por seus excelentes vinhos e restaurantes. Também tomou gosto pela natureza. “Meus pais gostavam de nos levar para lugares remotos. Sempre tinha muito esporte, caminhada, bicicleta, esqui...” Ele não foi o único na família a virar cidadão do mundo: o irmão mais velho mora em Tóquio. As duas caçulas ficaram na França, mas volta e meia cruzam o oceano para visitar os irmãos mais velhos. Muito querido, Manu sempre tem algum hóspede europeu em casa. “Todo mundo quer vir me visitar. O Brasil é um lugar muito atraente”, acredita. Certamente, é. E Picinguaba, mais ainda.



Na outra página, Katia aproveita o sossego para namorar o marido, o holandês Hans Blankenburgh. Das janelas dos quartos, se avistam os barcos de pescadores e o mar cor de jade

